

TECENDO UMA MORTALHA: A ETERNA BUSCA DE HELENA

Dulcileide Virginio do Nascimento (UERJ)
dulcinascimento@bol.com.br

Minha mãe me gerou como uma monstruosidade aos olhos dos homens? Minha vida e minha sorte são monstruosas, em parte por causa de Hera, em parte por minha beleza. Desejaria ter sido apagada, como em um quadro, e ser comum em vez de bela...

(Eurípides, Helena)

Todos nós já ouvimos falar de Helena, a Helena de Troia.

Milhares de mulheres na Antiguidade traziam no verso ou na base de seus espelhos imagens de Helena com o intuito de, com esse gesto, trazer para si a beleza tão almejada da esposa de Menelau. E, segundo a tradição, a *kalligynaika* – a bela mulher – também foi adorada como deusa, como nos relata Heródoto, em sua *História*, ao afirmar que em Atenas e perto de Esparta, em Terapne, templos dedicados a ela eram frequentados por jovens que buscavam melhorar suas aparências¹²¹.

Incitados pelas múltiplas informações, assim como conhecemos o artifício de Penélope para enganar seus pretendentes, vemos a mortalha que envolve a figura de Helena ser desfeita, e o que parecia estar claro, fica envolto em um entrelaçar de fios, histórias e mitos que, mais uma vez, fazem com que nos perguntemos: Quem é ou foi Helena?

A nossa cultura ocidental tem uma tríplice coluna de sustentação, construída com elementos – que ora se mesclam, ora se distanciam – da cultura grega, romana e judaica cristã. Assim como a Eva do Antigo Testamento, ou seu antirreflexo, Lilith, toda humanidade é construída a partir da junção de dois elementos: faz-se necessário um encontro: barro e sopro, costela e mãos, espermia e óvulo, amor e sexo, epopeia e tragédia...

¹²¹ Heródoto conta como a esposa de Ariston, rei de Esparta, que era considerada muito feia, visitava frequentemente o templo de Helena, venerada como a divindade que confere o dom da beleza. Um dia, a deusa apareceu-lhe e acariciou-lhe a cabeça. A partir de então, a donzela adquiriu um novo semblante, tornando-se a mais bela mulher de Esparta. Vd. Heródoto. *Histórias*, VI, 61 sqq.

Na esfera dos mitos gregos também temos Pandora, aquela que contém todos os dons; mulher cuja *gênesis* é marcada pela junção de elementos positivos e negativos com o objetivo de enfraquecer a humanidade. Todos nós conhecemos a famosa “caixa de Pandora”, mas não conhecemos como a história terminou... porque ela não terminou. Somos todas filhas de Pandoras, estigmatizadas por mitos que obscurecem nosso reflexo.

Quanto à Lilith, embora tenha sido criada da mesma forma que Adão, foi expulsa do Jardim do Éden; Eva, todavia, criada a partir da costela de Adão – carne da sua carne, após o descumprimento da ordem divina, é penalizada com o sofrimento físico e com a submissão. Do mesmo modo Pandora, confinada em sua perfeição, por possuir todos os dons, também foi penalizada a conviver com a imperfeição de um estigma e de um relacionamento forjado pela imposição e desejos de uma divindade.

E Helena, em quais desses contextos pode ser inserida?

A história de Helena se distancia do seu homônimo masculino, Heleno, que traz no nome a marca de uma nacionalidade, pela diversidade de opiniões acerca da sua trajetória. Helena, assim como Lilith, Eva e Pandora, traz na sua essência, em sua *gênesis*, a união com o divino.

Pierre Grimal (1999, p. 197) indica três possibilidades para o nascimento de Helena: ser filha de Zeus e Némesis, ser filha de Zeus e Leda (esposa de Tíndaro), ou ainda ser filha de Oceano e Afrodite.

Homero não menciona, na *Ilíada*, a ascendência materna de Helena. Na *Odisseia*, contudo, encontramos referência ao nome de Leda como sua mãe. Quanto à paternidade, Homero nos informa que ela é “filha de Zeus”. Essa é a versão mais divulgada, ou seja, Helena é a filha de Zeus e Leda. Tal versão também é retomada por Eurípides:

De minha parte, tenho uma pátria generosa – Esparta, e Tíndaro é meu pai. Publica a fama que Zeus se transformou num cisne alado e desferiu o voo para Leda, a minha mãe, com quem se uniu, astuto, quando fugia a uma águia, – se é verdade. Chamam-me Helena; e narrarei agora os males que sofri. (Helena, de Eurípides)

Eurípides, na referida tragédia, acolhe a versão de que Helena é filha de Zeus e de Leda, assim como também em *As Troianas*. Porém em

outras obras do mesmo Eurípides encontramos a referência ao nome de Tíndaro como seu pai¹²².

Observa-se, portanto, que Eurípides, em diferentes trechos das suas tragédias, apresenta versões diferentes acerca da origem de Helena. No trecho citado acima, fica evidente a maternidade de Helena, mas, a própria personagem exprime dúvidas quanto à sua paternidade, pois, inicialmente diz que o seu pai é Tíndaro, ainda que a “fama” divulgue que Zeus o seja. A sua dúvida, ou a do próprio Eurípides, fica evidente na expressão “se é verdade”, demonstrando um ceticismo geral existente na época em relação aos mitos.

Cabe salientar nesse contexto mítico que o destino de Helena, bem como o de sua irmã Clitemnestra, foi atingido pela falta de Tíndaro, o rei de Esparta, que ao ter oferecido sacrifícios a todos os deuses, esqueceu de Afrodite. A deusa ficou muito irritada e amaldiçoou Helena e Clitemnestra, predestinando-as a serem adúlteras de renome¹²³

Vários estudos relacionam, ainda, essa origem divina de Helena a uma relação da rainha espartana com os antigos cultos a uma deusa da fertilidade pré-indo-europeia, cujo poder ainda era perpetuado no período de Helena. Outro aspecto que deve ser considerado ao se refletir sobre o aspecto divino de Helena é o amplo poder que esta mulher tinha sobre os homens, que superava o de qualquer outra mulher mortal.

Isso fica evidente, por exemplo, na obra de Homero, em que Helena é aquela que *rhigedanè Heléne* – aquela que faz estremecer ou que causa tremor – e traz por onde passa a agonia, como narrado na *Ilíada*:

E ao vislumbrar Helena caminhando pelas muralhas,
Murmuravam entre si com palavras suaves, aladas:
“Quem na Terra poderia culpá-los? Ah, não admira
Que os homens de Troia e os soldados argivos sofressem
Anos de agonia, tudo por ela, por essa mulher.
Beleza, terrível beleza!” (*Ilíada* 3, 185-190)

O cerco de Troia durou dez anos, mas a imagem desta mulher caminhando por suas muralhas, ainda vaga na imaginação de homens e mulheres que não encontraram outro parâmetro humano de beleza e sedução. Contudo a tradição reveste Helena com um manto gerador de devas-

¹²² Cf. E. Héc. 269-270 e 1278. Vd. também E. Or. 245 sqq., 457-458, 1423; E. Andr. 898; E. Tro. 34-35; E., El. 480; E. Hel. 472, 614, 1179, 1546; E. I.A. 61, 1335, 1417.

¹²³ Versão de Estesícoro: fr. 26 B (Bergk) / 17 D (Diehl).

tação e a equipara a outra figura mítica, Pandora, pois vinculado aos seus dons de beleza e sedução está a punição divina àqueles que a possuem. A beleza, embora seja considerada essencial para os poetas, inclusive os modernos, é na mitologia e na fabulística fonte de ciúme por parte dos deuses e dos mortais e flagelo àqueles que possuem esse tom. Todos nós conhecemos histórias como, por exemplo, a de Psiquê, Dafne, Branca de Neve e Bela Adormecida. E, segundo Sartre (1973, p. 76):

Helena entra para a história como um símbolo de beleza e também como uma advertência sobre as terríveis consequências que a beleza é capaz de trazer – pelos seus belos olhos de morte, os homens não acabaram ainda de se matar nem ainda as cidades de arder.

A carga negativa vinculada ao nome de Helena, contudo, é amenizada quando levamos em consideração dois pontos. O primeiro é o fato de que o enredo a que ela foi incorporada foi delineado pelos deuses – principalmente por Afrodite. O segundo é o aspecto familiar e doméstico no qual Helena é inserida na *Odisseia*, quase que a desvinculando do cargo de causadora do combate entre gregos e troianos e de sua origem divina. Podemos, portanto, por instantes, visualizar uma Helena humanizada.

Tal opinião é corroborada por Norman Austin:

Consideradas como um conjunto, a *Iliada* e a *Odisseia* representam uma Helena complicada que é tanto uma mulher à mercê dos desejos humanos e limitações, quanto alguém mais do que humana, uma filha de Zeus, que escapa a todas as restrições humanas, incluindo o castigo merecido aos que transgridem os códigos de ética (AUSTIN, 1994, p. 10).

Tais informações nos levam a refletir: se Helena foi, de fato, a causadora de tantos males por que ela mesma escapa ilesa no retorno à Esparta?

A resposta pode ser encontrada em uma versão de Eurípides que afirma que a Helena descrita por Homero não era a verdadeira esposa de Menelau. Essa versão desconhecida por muitos, foi representada pela primeira vez em 412 a.C., e diz que Helena não foi a Troia, mas apenas seu *éidolon*, imagem forjada pelos deuses e entregue a Páris em lugar da suposta esposa infiel de Menelau.

Eurípides utilizou a personagem mítica Helena em oito de suas dezessete peças conservadas: *As Troianas*, *Helena*, *Orestes*, *Ifigênia em Áulis*, *Andrômaca*, *Hécuba*, *Electra* e *Ciclope*.

Em *As Troianas*, Helena participa de uma disputa verbal, juntamente com Menelau e a rainha Hécuba. Helena atribui a Afrodite, e não a ela, a causa da Guerra de Troia, sendo, portanto, um simples instrumento da deusa. Em *Ifigênia em Áulis*, *Hécuba* e *Andrômaca*, Helena é acusada pelas personagens de ter provocado os infortúnios que as atingem. Em *Orestes*, a personagem é descrita como uma mulher narcisista e sem valores, a não ser a valorização da sua própria beleza.

A Helena, na obra homônima de Eurípides, é apresentada como um modelo de castidade. A esposa de Menelau permanece fiel ao seu marido durante toda a guerra de Troia. E o mais incrível é que toda a disputa entre gregos e troianos foi por causa de um “fantasma” que desapareceu assim que a verdadeira Helena apareceu e foi reconhecida por seu marido, como nos informa o fragmento a seguir:

Menelau

– Ó Paris, que arruinaste a minha casa completamente, eis o motivo que te perdeu e que te perdeu contigo milhares dentre os Gregos de couraça de bronze!

Helena

– E eu, infeliz, amaldiçoada por todos! Exilou-me um deus, distante da pátria, -

Longe da cidade, longe de ti, passando por haver deixado (o que não fiz) a casa e o nosso tálamo, no intento de entregar-me a vergonhoso amor.

[...]

Mensageiro

– Não é essa a mulher a que causou nossa desgraça diante de Troia?

Menelau

– Não. Não era a mesma. Os deuses enganaram-nos, expondo ao nosso olhar maléfico fantasma.

Eurípides não foi o primeiro autor a se referir ao *éidolon* – essa versão foi narrada por Estesícoro¹²⁴, mas, segundo Junito Brandão (1991, p. 108), Hesíodo teria sido o “primeiro a falar do *éidolon* a propósito de Helena”.

Teria Eurípides conseguido identificar a essência de Helena? Segundo Hughes (2009, p. 53-54):

5. Poeta lírico grego que escreveu um poema chamado *Palinódia*. Nele Estesícoro insiste que Helena foi para o Egítoe somente seu espectro esteve em Troia.

Penso que as três encarnações – princesa, deusa e prostituta – tenham tido origem em uma Helena da Idade do Bronze, e que o modelo para a Helena de Troia tenha sido uma das ricas rainhas espartanas que viveram e morreram na Grécia continental do século XIII a.C., uma mulher que dormia à noite e despertava ao raiar do dia [...] uma mulher tão bem-dotada, tão venerada tão poderosa que parecia estar na companhia dos deuses. Uma mortal que ao longo dos séculos se tornou maior do que a vida.

A Helena de Eurípidés lembra a Penélope da *Odisseia*, esposa fiel que aguarda por vinte anos o regresso de Odisseu, entretanto o epíteto de *kuon* – “cadela” – é inúmeras vezes na literatura vinculado à rainha espartana e remete a uma imagem muito forte na cultura clássica, não só pela simbologia sexual associada ao animal, mas pelo contexto bélico vigente em que o número de cães, que ora vagavam pelas cidades, ora se alimentavam dos cadáveres, era muito grande. A Helena de Homero foi comparada a esse animal, pois vagava sem a certeza de sua pátria, responsabilizada por incontáveis mortes e ainda com o fardo de sua sexualidade. Mas, através dos muitos espelhos encontrados em escavações arqueológicas, em cujas bases há a imagem de Helena, podemos perceber que apesar desse viés negativo, muitas mulheres desejavam se olhar no espelho e ver refletida a beleza de Helena, beleza que Isócrates salientou:

Pois [Helena] possuía beleza em grau extremo, e entre todas as coisas a beleza é a mais venerada, a mais preciosa e a mais divina. E é fácil determinar seu poder: pois embora muitas coisas que não possuem os atributos da coragem, sabedoria ou justiça possam ser consideradas mais valiosas do que qualquer desses atributos, ainda assim não encontraremos nada que seja amado entre aquelas que não possuem beleza. (*Elogio de Helena*)

Helena, sendo criticada ou elogiada acabou por se tornar, portanto, em um *eidolon* atemporal, perseguido por mulheres de todas as épocas. E como no *Fausto* de Goethe, todos os homens buscam ver Helena em “toda mulher”.

Outro dado interessante para refletirmos sobre a ideia do *eidolon*, voltando mais uma vez ao texto Homérico, é que, embora não possamos precisar, diante do contexto bélico, a dimensão do relacionamento, enquanto casal, de Páris e Helena, não há menção no texto homérico à ilegitimidade da união, ao contrário¹²⁵, ou a referência ao termo “concubina” associado à Helena. Helena chama Páris de Marido e ela a chama de esposa. Helena também chama a Príamo de sogro e a Heitor de cunhado¹²⁶.

¹²⁵ Vd. *Ilíada* III. 122, 329; IV. 337; VII. 355; VIII. 82; XI. 369, 505.

¹²⁶ *Ilíada* XXIV. 763; II. VI. 337; III.172; II. VI. 344, 355; XXIV.762.

A relação afetiva, todavia, entre Páris e Helena está ao nível do Eros. Saientamos que Páris elegeu Afrodite a mais bela das deusas, e esta lhe prometeu Helena como a mais bela mulher mortal. Isso não significa que Helena não se sinta presa ao seu casamento com Menelau.

Portanto, se Helena é considerada a esposa legítima de Páris em Troia (lembramos a cena do sepultamento de Heitor, onde três mulheres estavam presentes: Hécuba, Andrômaca e Helena – nenhuma mulher fora da família podia participar dos ritos), no Egito, local em que se encontra na peça de Eurípides, é a esposa leal e devotada à família e ao marido.

Essa mulher cujo nome é tão forte quanto sua presença ganha uma nova roupagem na obra homônima de Eurípides. Como se uma Helena não fosse suficiente para desmontar uma civilização, Eurípides traz à cena duas Helenas. Há uma verdadeira que é a mulher que Hera, protetora dos casamentos, para livrá-la do rótulo da infidelidade, a conduz ao Egito, à casa do rei Proteu, onde em segurança esperaria a guerra terminar. E há uma segunda Helena que não é nada mais do que um *éidolon*, um fantasma, que foi raptado por Páris e pelo qual os gregos combateram. Menelau a recupera e com ela chega ao Egito, encontrando a verdadeira Helena. Uma nova Helena surge, não mais a de Esparta, nem a de Troia, mas agora a Helena do Egito, cujo culto Heródoto registra em sua *História*.

Nesta obra, Helena encontra acolhimento sobre o túmulo de Proteu e com a notícia da morte de Menelau é pedida em casamento por Teoclímeno, mas Menelau retorna e o casal, após um reconhecimento mútuo, trama um ardil para retornar à sua terra, juntos. Helena, ainda, revela que o destino de Troia foi determinado por Zeus, que “trouxe a guerra à terra dos infelizes troianos”.

Quem é, portanto, Helena? Se ela não foi a causadora da guerra de Troia, que importância ela teve no contexto literário helênico?

Junito Brandão (1989, p. 107) explicita a motivação de Eurípides para escrever tal obra:

Ora, à época em que foi encenada a tragédia em causa, isto é, em 412 a.C., reinava profunda consternação em Atenas, causada pelo desastre da Expedição à Sicília. Buscava-se a qualquer preço manter os farrapos da fracassada paz de Nícias, as preciosas tréguas concertadas por este hábil político e general ateniense entre sua pólis e a belicosa Esparta. Sonhando possivelmente com uma paz definitiva ou ao menos duradoura entre as duas grandes rivais, Eurípides colocou-se acima e além de qualquer preconceito de ordem política e pessoal e simplesmente se converteu num apologista da Lacônia.

O poder do discurso encontrado no texto de Eurípides, funciona como um *phármakon* e busca acabar com a “má reputação” de Helena, como nos afirma o seguinte trecho:

Que Helena retorne ao lar, se esta é a vontade dos deuses. Quanto a vós, exultai por haverdes nascido do mesmo sangue que a mais sensata e casta das irmãs. Alegrai-vos pela nobreza de ânimo de Helena – dom raro entre as mulheres. (Helena, de Eurípides)

Poderíamos escrever intermináveis páginas e mesmo assim não conseguiríamos precisar se, de fato, Helena existiu, se era portadora de tal indescritível beleza ou se não passava de um *éidolon* criado para “enfeitar” o relato histórico. Mas podemos afirmar que a figura de Helena, real ou imaginária, resgata elementos culturais que imortalizaram essa mulher, independente de sua conduta.

Helena na Antiguidade foi, e continua sendo nos dias atuais, uma mulher em julgamento. Como a Capitu de Machado de Assis, paira sobre ela a eterna incerteza em relação aos seus atos: Helena foi a verdadeira causa da guerra? Ela fugiu com Páris ou foi obrigada por Afrodite? Como mulher de Menelau e de Páris, ela era grega ou troiana?

Apesar de toda polêmica em torno de seu nome, a tragédia *Helena*, não é considerada uma das obras-primas de Eurípides. Albin Lesky, mesmo afirmando o interessante “jogo combinado da fantasia e da lenda” existente na obra (1995, p. 415-416) chega a questionar se a mesma é, realmente, uma tragédia por conta do seu esquema dramático, ou seja, pelo movimento contrário ao esquema habitual da tragédia, que progride da felicidade para o desastre:

Nem o homem se enfrenta com forças divinas reconhecíveis, nem se deve realizar num destino que lhe vem ao encontro de um mundo totalmente estranho ao seu, nem também se transforma em problema trágico o seu distanciamento dos deuses, o seu abandono ao absurdo. Não há dúvida que os deuses ainda atuam, e em *Helena* diz-se precisamente que uma disputa entre Hera e Afrodite pesou muito no destino do casal, mas nada disso toca o essencial do mundo em estes homens fazem planos e arriscam, lutam e vencem.

Lembramos, contudo, que embora os deuses não sejam visíveis, ainda determinam o destino do homem. “Tudo é dádiva dos deuses”, diz Menelau (v. 663). Os deuses são responsáveis pelo início e fim da guerra e proporcionaram um reencontro feliz de Helena e Menelau. O vínculo com a divindade é feito através de uma mortal, a egípcia Teónoe, “uma aliada igual aos deuses” (v. 819), que revela a verdade sobre o papel dos deuses no destino do casal (vv. 878-886).

Campbell (1950, p. X), todavia, concordando com vários autores, analisa essa peça como próxima do estilo da comédia nova, quase que uma “comédia romântica”, “a mais feliz e alegre de todas as tragédias de Eurípides”.

Portanto, a versão de Estesícoro utilizada por Eurípides consegue livrar Helena de qualquer culpa e explica a sua estada no Egito e o seu *eidolon* como resultado de uma maquinação divina que visava afastar Páris e preservar a castidade de Helena – raptada por Hermes e conduzida até ao palácio de Proteu, enquanto Hera moldava o *eidolon* de Helena para entregá-lo a Paris.

Apresentamos aqui apenas alguns aspectos dessa personagem que foi comentada, dentre outros, por poetas, oradores e historiadores. A diversidade de abordagens do carácter de Helena possibilita uma variedade de interpretações que torna árdua a tentativa de estabelecer uma linha tênue e única para o mito. Portanto, concluo essa pequena tessitura com as palavras de Hugues (2009, p. 455) que tão bem sintetizam a Helena de Homero, de Eurípides, de todos os povos, a imortal Helena:

Assim, durante a vida, é perfeitamente possível que Helena tenha transitado por esse mundo com passo leve. E, após sua morte, as lembranças e contos sobre essa criatura incandescente mantiveram vivo seu espírito. No entanto, agora que ela está consolidada como imortal na imaginação popular, ela se transforma em muitas coisas na mente dos homens – uma princesa, uma rainha, uma esposa, uma amante, uma prostituta, uma heroína, uma estrela, uma deusa do sexo. E qualquer que seja seu disfarce, há um que é constante: ela é para sempre Helena – “Eleni”, a refulgente”.

A imortal Helena tem sua mortalha desfeita e refeita a cada releitura, a cada dúvida surgida, a cada desejo instigado... se ela é única ou ambígua, deusa ou mulher, prostituta ou casta, não importa... sabemos que seu nome ainda ecoa na imaginação de toda a humanidade e como no *Diálogo dos Mortos*, de Luciano, quando Mênipos diante de uma pilha de ossos e crânios pergunta com desdém se aquele era o crânio da mulher que levou muitos homens à morte, fazemos coro com Hermes: “Ah, Mênipos, nunca viste Helena em vida, senão terias dito, como disse Homero: ‘Bem pode sofrer duros anos de esforços quem lutou por tal recompensa’”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTIN, Norman. *Helen of Troy and her Shameless Phantom*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1994.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Helena, o eterno feminino*. Rio de Janeiro: Vozes, 1989.

ESTESÍCORO. *Greek Lyric*, vol. III, Trad.: David A. Campbell, Cambridge: Massachusetts, Harvard University Press, 1991.

EURÍPIDES. *Helena*. Versão de José Eduardo do Prado Kelly. São Paulo: Agir, 1986.

_____. *Helena*. Edited with commentary by A. Y. Campbell. Liverpool: 1950.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Portugal: DIFEL, 1999.

HERÓDOTOS. *História*. Intr. e trad. de Mario da Gama Kury. Brasília: Universidade de Brasília, 1988.

HOMERO. *Ilíada*. Trad. Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961.

_____. *The Odyssey*. London: Loeb Classical Library, 1976.

HUGHES, Bettany. *Helena de Troia – deusa, princesa e prostituta*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

LESKY, Albin. *História da literatura grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

SARTRE, Jean Paul. *As troianas*: adaptado de Eurípides. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1966.